

GAZA

Livro 86

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



GAZA

Embora existam sinais evidentemente manipulados, validando o genocídio na Palestina ocupada, alguns são construídos ao exterior desde a deturpação da realidade para emudecer o direito de defesa dos palestinos diante da agressão ilegal sofrida por eles. Quem são os portadores do silêncio que omitem e acusam de terroristas a população inocente da Palestina ocupada?



DESTINO

O destino quis que eu me fizesse cargo da amizade e da fabricação da solidariedade, colocando as velas aos ventos favoráveis atento aos faróis permanentemente acesos. Desembaraçando as marés e repartindo as ondas. Fazer como os mares que não podem beber da própria água.

FALTA

Falta luz no mar, há estrelas esquecidas de vir. Levo um eclipse entre memórias e alcances guardados distantes.



HISTÓRIA DAS OLIVEIRAS

Uma coleção valiosa de dezenas de sementes de oliveira foi descoberta em camadas que datam de 4,000 anos durante uma escavação arqueológica em Oylum Höyük, um monte histórico localizado em uma planície fértil na província de Kilis, no sudeste da Turquia, considerado um dos maiores do gênero em Região do Mediterrâneo Oriental.

As escavações revelaram não apenas essas sementes milenares de azeitona, mas também pedras de moagem basáltica, presumivelmente utilizadas para a produção de azeite.

“Sementes de azeitona foram encontradas em todos os níveis da Idade do Bronze e da Idade do Bronze em Oylum Höyük. Algumas das sementes de oliva foram

encontradas no palácio da Idade do Bronze I (2000 - 1800 aC), que terminou em incêndio. As sementes de azeitona recuperadas do monumental Palácio da Idade do Bronze foram datadas entre 1900 - 1725 aC, de acordo com a análise de radiocarbono. Os materiais arqueológicos descobertos na mesma camada também confirmaram. Acredita-se que as sementes sejam de azeitonas locais antigas e a razão pela qual essas amostras de um ano da 4.000 sobreviveram é que elas são queimadas e carbonizadas. Isso impediu a decadência à qual outros materiais orgânicos à base de plantas milenares sucumbem. (Rosa Gonzalez-Lamas)



OLIVEIRAS HISTÓRICAS

Camuflado entre desconhecidos, observado por olhares de desconfiança guardando suas raízes, as oliveiras exibiam a história dos frutos e das sombras testemunhando séculos como um arquivo vivo. Quantos afetos, olhares, lembranças construídas como trajetórias sociais e relações vinculares.

No Parco Scolacium, Calabria há um conjunto de oliveiras de quatro mil anos.

Está em Lauras, Italia, uma oliveira de quatro mil anos.

Na província de Kilis, no sudeste da Turquia.

No Libano as oliveiras gêmeas estimadas sua idade em seis mil anos.



EXÍLIO

Levavam a alma de viagem, carregando intermináveis despedidas. Contra todas as vantagens partiram traindo as próprias vontades. Os dilemas ferem a alegria, tentando recompensar sua inutilidade diante da decepção. O assombro acostumado à nostalgia flutuava em reminiscências desertas de futuros.

Aprendizes ao deixar, envolvidos na omissão imposta, de propósito, cheios de vazios, o coração esquecendo dos afetos até que em seus desertos privados voltassem a circular como humanos esquecidos das fúrias.

A-DICÇÃO

“Quem sabe seja importante resignificar também a A-dicção que como seu termo refere é a “falta da palavra”, a falta da comunicação a que muitos indivíduos, em particular que ingressam ao consumo de químicos ou tecnologias perdem esta característica humana da palavra como possibilidade de vínculo com o outro e portanto, a capacidade empática e de compreensão. A falta de solidariedade e cooperação, a difusão e confusão de valores, a frieza e atemporalidade diante das necessidades do outro, a perda do encontro intergeracional, a lealdade, características tremendamente humanas vão se modificando pela “A-dicção”. (Jorge Naranjo)



ARTURO EMILIO SALA

Cego é aquele que se nega a ver a finitude de seus limites.

LÁGRIMAS ATADAS

A fumaça da lenha impregna minhas lembranças, libera um aroma curtido deixado de lado na última visita ao deserto. Passados convertidos em esquecimentos, em marcas longínquas, recantos transformados em pó. A fresca fumaça misturada a solidão recuperada desacelera o fim da festa. Minerais e vapores ocupam o ar enquanto vendavais despertam velhas lágrimas atadas.



QUANDO ESTIVER SÓ

Quando estiver só, comerei com as mãos como meus ancestrais, celebrarei à mesa a comida que me dará prazer e vida. À noite conciliado com o sono que me convida a pôr limite no dia, serena e silenciosamente derramarei uma imensidão de memórias, atemporais afetos, sinos encharcados de comemorações, esboços inacabados adiando a ida sem volta, desperto com o farol do dia vestindo-se impregnado de luz.

A AMIZADE

No fundo da amizade brilha o reconhecimento e o respeito pelo próximo. Para chegar até ela será preciso um mar, um vento, um barco, uma vela e uma âncora.



HUMANISMO EUROPEU

“Quando digo humanidade não me refiro à velha ideia do humanismo europeu, baseado na afirmação abstrata e na imediata universalista de um etnocentrismo vergonhoso. Não me refiro tampouco as suas consequências sociais e políticas diretas: a negação da diferença em nome da igualdade abstrata e da igualdade em nome de um conceito de diferença baseado no privilégio e na indiferença. Me refiro, sim, a multiplicidade de povos, nações e culturas que constituem a plurihumanidade.” (De Caim a la clonación – Maria Cristina Reigadas)

A LUZ DOS MEUS OLHOS

“...a luz dos meus olhos não estava comigo; porque ela estava dentro, enquanto que eu estava fora; ela não ocupava lugar, e eu tinha fixo um olhar nas coisas que ocupam um lugar, e não achava nelas lugar onde repousar; nem me acolhiam de forma que pudesse dizer: “é suficiente, estou bem”. (Santo Agostinho – Les Confessions)



BEIRUTE AO ENTARDECER

Uma dor que não passa nos alcança, se apodera de nós, move nossas bases, capaz de desvitalizar, põe em perigo nossa pequena segurança. A realidade conversa com a tragédia e nos apronta um monólogo de estupidezes valendo-se uma surpresa que se torna real. Desafia a vida que estava viva, ultrapassa as fronteiras com brutal violência para habitar nossos espaços. O real perde a realidade, a ausência da paz e o silêncio denunciando a desintegração que mata, expande em direção a Beirute, atravessa um entardecer rumo a uma falta total de sentidos, deixando uma memória de tristezas.

A CÉU ABERTO

A realidade real, para ser vivida toca fundo, expõe a fragilidade mundana, o osso a céu aberto, o sangue confirmando o dano, os vidros estilhaçados para avisar que o inferno não dorme e que os genocidas se superaram em destruir e mentir. A realidade a céu aberto pede que se guarde distância, evite-se a precipitação, mas não pode nos pedir que aceitemos a oração equivocada e o ódio pisoteando aos vulneráveis como nós. O dano atinge a humanidade portanto jamais os genocidas serão interlocutores, eles nos veem e nos matam como coisas. Festejam o trauma, debocham das nossas covardias. A prudência nos pede a calma que não deseja vingança, mas tampouco aceita a aliança e a homenagem aos inimigos.

O MUNDO DAS OPORTUNIDADES

O “mundo das oportunidades” (Charle) encontra suporte na cadeia de promoção que as escolas realizam. Desde muito precoce as crianças são dirigidas a lugares educativos em vários níveis ao longo de evolução das suas idades, até chegar à universidade. Esta base de recrutamento da via real pela a postos de dirigentes.

No campo da política os cargos mais elevados de funcionários resultam em assessores de políticos, ex políticos por aposentadoria ou fracasso eleitoral, como lobistas ou em empresas privadas. O acesso as relações facilitam a representação.

Os intelectuais, embora reconhecidos são pouco aproveitados na prática, seja pela ideologia que os agrupa excluindo os demais ou pela ignorância dos líderes que permitem um abismo entre o conhecimento e o exercício da política muito mais avessa a negociar do que a realizar consensos.

VIVO

Vivo aos pedaços, inventando-me um egoísta enlouquecido ou criando uma lembrança que nunca aprendi a forjar.



EXPLICAR

Explicar o fenômeno das sinergias seria descobrir a determinação. Sem precipitações decidi expulsar a ignorância, resolvi conhecer o que nunca me foi permitido conhecer. Queria mudar a minha cultura, aliviar situações, expor raízes, replantar significados, florescer novidades.

SUBJUGAR A IMAGEM À ESCRITA

Subjugar a imagem à escrita será uma das formas de dar sequência e coerência às argumentações. A tentativa de substituição cria um atalho nas documentações e no posicionamento de texto e de uma cultura. Deixar flutuar abreviações é implantar maneirismos ofensivos ao valor da escrita e suas nobres funções. A pressa que sequestra o tempo e a abreviatura que propõe uma economia de espaço torna perceptível um esforço para não pensar, nem adquirir através da leitura sólidos conhecimentos que farão substituições com enormes prejuízos. Pela informação, em geral sem apoio e sem fidelidade se empobrece o vocabulário e com ele o discurso oral e escrito. As imagens deverão ser apenas apoio para os textos estando ali com uma única função de reforço para a construção textual. Este esvaziamento cultural se pretende qualificar como conhecimento nunca será nada mais do que um falso degrau em direção à ignorância sobre conceitos de fundo e figura. Correm o risco de destacar o pior de uma obra ou texto. Uma composição que alimente por fontes diferentes é para ficar em Memória à posteridade e Tempo.

POR SEUS FILHOS, POR SEUS NETOS

Quais dos homens cuidará da sua descendência? Dos seus valores transportados celularmente ao longo dos séculos? Cuidará para não se perca a via da doação, deixar de lado o convite a esquecer de ver a essência que é muito grande e forte, da montanha generosa, da aldeia humanizada, do mar vencido. Que a tradição é natural e sua depreciação uma fraude laboratorial que erra contra o natural como um escultor inconsequente. Se quiseres conhecer o resultado da formosa proporção, o caminho que toca a motivação secular será sempre muito mais que uma fantasia oportunista que dissimula a carne, o intervalo entre a concepção e o nascimento e os afetos pouco proeminentes, sem a graça infinita, fraudam imitar a verdade que tira da Natureza e deforma com a arrogância prepotente. Pintam bocas que riem porque não sabem a motivação autêntica do rir, dissimulam em suas orações um pedido de êxito para que suas armas sejam certas.

A TERRA IA JUNTO

Saíam os fenícios fazendo o mar caber em qualquer das suas alegorias para desbravar o mundo. Carregando o mar, a montanha e o cedro em suas longas viagens. Inventavam saudosas companhias convidando-os a sempre voltarem.



VOLTA E MEIA

Volta e meia experimento um novo modo de sentir saudades. Foi a única solução para não ficar estancado no passado, chamo a passear alguma versão. Esgoto-me nestas versões incompletas.

OS MEDOS

Os medos circulam junto às convicções, a dúvida faz com que se desconfie da certeza. Na sua solidão sem companhia, a esperança dá um basta na omissão e reclama um lugar com menos candidatos, menos políticos, menos promessas que aprisionam à ilusão e ao fracasso.



REPITO O ENCONTRO

Assíduas luas companheiras lhes digo em voz baixa, nenhum antecedente alcança assimilar essa ocasião em que creio amar. Quanto mais repito o encontro, relançando a inspiração na direção da luz que me enviam, mais sinto aproximações que me convidam a esperar até que a tua falta me ensine a te esperar.

SINOS

A identidade está nos humanos há séculos. É como um sino que depois de séculos mantém exatamente as mesmas notas, as mesmas frequências e vibrações. Humanizar é despertar a atenção para os sinos que tocam dentro da nossa memória enquanto nossas percepções são derivadas para outras frequências alheias. Este é o mecanismo que aciona o Colonialismo Cultural.



O EXILADO

O exilado precisa se reinventar, se deslocar para aqueles que quantificam datas enquanto o qualitativo descansa nos túmulos e nas memórias.

NA SOMBRA DO TRIGO

Olhei à frente sem querer ver o que perdia. Na sombra do trigo vejo as mãos da minha mãe amaciando minha rotina. Teimo com essas lembranças que não consigo esquecer. Na rotina do mercado vejo meu pai selecionando as frutas e provando a coalhada que ainda se constitui como meu alimento presente e futuro.



ELOS

As árvores têm truques evolutivos e sobrevivem as secas. O êxodo dos cupins os lança para o acasalamento, os bandos de pássaros planam para preservar a espécie. A sincronia da Natureza acolhe e multiplica. As formigas cortadeiras trabalham em busca de alimento e segurança. Estes são alguns dos fundamentos da corrente da vida.

UMA LUZ

Trabalhar com os humanos dá uma luz, destaca um valor íntimo, guardado no fundo das pessoas onde tudo é autêntico, são lições diárias de vida para aqueles que tenham um mínimo de sensibilidade para estas questões.



A NEUTRALIDADE

A neutralidade carrega uma indiferença perversa. Urge alguma voz que afirme os direitos dos excluídos apoiados no sentido e razões que criem um novo lugar distante dos valores econômicos, dos números e das classificações

A DOR ENSINA

A dor ensina a intolerância e entra em desacordo com a paz, A dor impede que se promova o descanso.



AO CONSUMO

Desfiladeiros facilitantes seguem apoiando as vontades. Fazem desafios e curam estragos, rompem as inadequações, tiram as forças, dominam os sentidos, apavorantes ou excitantes. Essas tentativas de domínio permanecem em mim como sonhos, predominam contextos aprendizes como valores agregados e úteis para construir a realidade. Invento recursos, elevo as estatísticas, tão frágeis às manipulações, quase impuras, quase invenções, respondendo as intenções de uso. Renovo um pressuposto confrontador para as dores, limito a verdade e afasto o disfarce que modela a mentira. Livro-me do verdadeiro mal que mente, vulgariza a baixeza e faz aliança com a falsidade. Feito

numa vida que inventa emprego, futuro e promete o que sabe que não irá cumprir, acabo com essas mentiras que mentem para acalmar comportamentos, calar a consciência paga com salário em falso, inutilizando a ambição e a ética. Esses demônios que me cercam, habitam meu entorno, sedutores. Por meio de arranjos não se preocupam com a humanidade dos humanos rebaixados a coisas manipuláveis. Frente a essa inclusão alienante, despojado da dignidade, desorganizando algum valor que orgulhoso me protege como aquele que produz, mas me expõe ao consumo e me anima a ser consumido.

Roberto Curi Hallal

